

DIA DOS NAMORADOS. E DAÍ?

Rafael de Santi Zago¹

RESUMO: O texto reflete sobre o contraste entre a importância subjetiva do Dia dos Namorados e a aparente normalidade do cotidiano. Embora a data seja significativa para muitos, o mundo segue seu curso habitual, revelando como os sentimentos permanecem, em grande parte, confinados à esfera privada. O autor critica uma sociedade que associa sensibilidade à fragilidade e desencoraja manifestações públicas de afeto, promovendo uma neutralidade emocional disfarçada de maturidade. Nesse contexto, amor e arte surgem como formas autênticas de expressão frequentemente limitadas por convenções sociais. O amor é apresentado não como euforia constante, mas como uma escolha diária de acolhimento, companheirismo e resistência diante das dificuldades da vida. Defende-se, assim, a valorização da demonstração sincera dos sentimentos e a superação dos padrões que reprimem a sensibilidade humana. A reflexão culmina em uma homenagem pessoal à companheira do autor, exaltando o amor vivido como sua principal escolha de vida.

Palavras-chave: Amor; Sensibilidade; Namoro; Afeto.

Amanhece mais uma vez, como em todo e qualquer dia comum, mesmo sabendo que não é. A vida lá fora segue a mesma rotina; o cotidiano não se altera e as coisas continuam acontecendo da mesma forma como sempre foi, com os mesmos acasos, mesmos incidentes, as mesmas imperfeições. Levantamos, lavamos o rosto, escovamos os dentes, tomamos café. O céu parcialmente nublado e as horas não deixando de passar, como se o mundo dissesse que não se importa.

Ao passar pelos outros carros, pelos pedestres, visualizando os comércios abrindo suas portas no início do dia, enquanto seguimos a caminho do serviço, nota-se que as pessoas também não parecem demonstrar que hoje

¹ RAFAEL DE SANTI ZAGO é Escrivão de Polícia da Polícia Civil de São Paulo, graduado em Administração de Empresas pela Faculdade Metodista de Ciências Humanas e Exatas de Birigui/SP, bacharelado em Direito pela FATEB de Birigui/SP e pós-graduando em Direito, Processo e Prática Penal pela UniToledo Wyden Araçatuba/SP, e namorado de Bianca Caroline Bom Soares, para a qual escreveu este texto e dedica esta homenagem no Dia dos Namorados (12/06/2026).

não é mais um dia qualquer que estamos prestes a enfrentar. Para muitos, talvez, não seja motivo de celebração, afinal, o motivo é condicionado a uma escolha feita. No entanto, diante de tantas pessoas com as quais cruzamos em nossas idas e vindas, a caminho do trabalho, no supermercado, à farmácia, seria impossível não pensar que, pelo menos uma – ou até algumas delas – não tivesse o mesmo motivo [que temos] para comemorar.

É Dia dos Namorados. No entanto, não se vê o entusiasmo escancarado no mundo lá fora, que parece continuar girando como se nada estivesse acontecendo. Com exceção dos raros flagrantes de afeto demonstrados em público, quando nos deparamos, por exemplo, com um rapaz que se ajoelha inesperadamente em frente à sua amada, numa pracinha qualquer, para lhe entregar o botão de rosa que destacou sorrateiramente de algum jardim indefeso, ou adquiriu numa das famosas floriculturas da cidade que, na data de hoje, se organizam um pouco mais, não é fácil de notar, apenas pelos semblantes daqueles com os quais cruzamos durante nosso dia-a-dia, a euforia de se desfrutar desta data que, para muitos, é tão especial.

É como se o dia do namorado fosse tão íntimo para o mundo como é para quem o comemora. É aquela surpresa discreta que se organiza disfarçadamente dentro de cada um, o que torna tão difícil de perceber o que cada um está sentindo, pensando ou vivendo apenas através dos olhares que vagueiam pelas ruas nesta manhã de doze de junho. Não daria para reconhecer pelo jeito, pelos gestos, pelo tom de voz ou através das conversas que se cruzam nesta data o que cada um pode estar planejando para comemorar com seu par, afinal, durante o enfrentar de nossa jornada diária, evitamos transparecer nossas verdadeiras emoções, como se não nos permitíssemos expor nossos sentimentos para o mundo ao qual pertencemos.

A rotina rejeita nossa sensibilidade e a interpreta como fragilidade da condição humana diante dos percalços da vida, como se sentir fosse sinônimo de fraqueza. Talvez por isso a arte, quando experimentada fora dos espaços ditos eruditos, seja gratuita e banalizada, enquanto aquelas que se aprecia dentro dos nobres salões recebem maior valor e consideração. Porque a

sociedade, de alguma forma, limita, cerceia e restringe cada vez mais os espaços onde o homem pode sentir. Em alguns casos, até constrange e pejora, como se, ao se entregar aos seus sentimentos mais íntimos e verdadeiros, estivéssemos cometendo algum pecado, algum devaneio, algum desvio.

Ao artista, assim como a quem ama, quando se entrega em público, fora dos espaços delimitados pela sociedade para o ser humano se expressar, resta o adjetivo de louco. Há tempos que se expressar é tido como loucura. Há tempos que demonstrar o que se sente é visto como algo fora do comum.

Sentir o amor e demonstrá-lo em público, que deveria ser gesto sublime colocado sob o pedestal das expressões humanas mais legítimas, no topo do pódio das formas de demonstração pública de sentimentos, se tornou, com o passar do tempo, ato polido, tolhido e exercido acanhadamente, engolido pela rotina diária que nos embriaga com uma neutralidade emocional transvestida de seriedade, como se traduzissem como imaturidade quando alguém se expõe em público para quem ama, mesmo sendo o amor o sentimento mais maduro que existe e suas formas de expressão as mais fiéis e puras que o ser humano poderia externar.

E foi assim que o mundo foi perdendo a cor. E foi assim que a gente cruzou vários dias sem sequer notar o que as pessoas ao nosso redor sentiam, assim como, provavelmente, elas não nos perceberam. Diante de uma rotina exaustiva, cruzando com pessoas apáticas e indiferentes, nos moldamos a conviver também de maneira contida quanto à forma de se expressar. Mas, mesmo que cometidamente em público, amamos calorosamente por dentro, como se a alma gritasse para o corpo que fizemos a escolha certa.

Amar, inclusive, não é euforia todo dia. Nem sempre estamos bem, e quando digo isso, não me refiro exclusivamente com o nosso par. Refiro-me a todas as situações que o cotidiano nos impõe, sejam financeiras, laborais, familiares e, inclusive, com nosso par. Amar não é sorrir a todo instante como se não atravessássemos problemas durante o dia. Amar é, ao fim do dia, saber que, mesmo diante de todas as imperfeições, do mundo lá fora e do mundo

aqui dentro, temos um lar para voltar e chamar de meu. Um lugar onde também existem problemas, mas que o aconchego do abraço de quem ama te alivia das dores exercidas pelo mundo insensível e apático que acabara de deixar ao adentrar pela porta.

Faz-se necessário quebrar regras, burlar tabus, fugir dos padrões, aproveitar e apreciar essa escolha. Amar sem se importar com julgamentos, até porque, muitos deles virão de quem se moldou ao mundo que nos rejeita como seres sensíveis, mas que também adorariam viver essa euforia em público, demonstrar o que sente sem medo, contudo apenas não encontraram ainda coragem suficiente para romper paradigmas e transcender o modelo apático e insensível que o mundo criou para te persuadir, na esperança de que nunca pareça ou demonstre o ser sensível que é. Isso facilita o organismo social manipular a massa quando, ao invés de demonstrar afeto pelo outro, demonstra indiferença. É muito mais fácil driblar o coletivo quando se apresenta apático ao seu próximo, afinal, o que nos torna semelhantes é exatamente o fato de sermos seres sensíveis. E somente essa sensibilidade coletiva poderia promover as rupturas necessárias para transformar o mundo em um lugar melhor para se viver.

Portanto, seja feliz em público. Ame em público. Transborde. Enlouqueça. Transforme e apareça. Faça com que o seu amor ecoe pelos quatro cantos do mundo, assim como ecoam dentro de si. Transforme a sua vida e a do seu par em um mundo completamente distinto do universo que os envolve. Retribua ao seu par o amor que te dedica, se possível, multiplicado. Faça com que seja cada vez mais confortável externar o amor. Mesmo nos dias difíceis, dentro ou fora de casa, exerça seu direito humano de praticar o amor.

Faça seu par entender que definitivamente é a sua maior e melhor escolha. A melhor dentre tantas que poderiam ter acontecido nesta vastidão de gente que transita pelo nosso cotidiano, que cruzamos nos supermercados, escolas, estradas e hospitais. A melhor escolha desta vida. A escolha que lhe fez brilhar os olhos e sentir algo por alguém, mesmo imersa num mundo onde a

maioria não se permite desfrutar desta sensação em público. A escolha, por um acaso, que cruzou sua frente e reluziu diferente diante da indiferença.

E é assim que percebo, diante de toda essa reflexão, a minha vida ao seu lado. Porque existem inúmeros impasses em todos os setores que vivemos, e mesmo assim, ainda escolho vivê-los ao seu lado, pois sei que, sem você, seria mais complicado atravessar as dificuldades do dia-a-dia. E mesmo diante de nossas próprias imperfeições, de nossos erros e divergências, escolho viver nosso amor. Pois nosso amor é a arte que a gente resolveu praticar na rua, é a música que tem origem em nossos corações e que nos permitimos dançar na chuva, diante de todos, mesmo que nos olhem torto ou nos elejam tolos por não conseguirem ouvi-la conosco. Porque o nosso amor é só nosso, o que faz este dia especial para a gente, mesmo para tantos outros sendo apenas mais um dia qualquer.

É dessa forma que vejo o Dia dos Namorados: um dia comum, normal, rotineiro, para todos que não conseguem sentir o que sinto quando amo você. Não poderia cobrar do mundo movimento diferente, afinal, dentro de cada um gira uma perspectiva, e nenhuma delas seria sequer próxima do que você me faz sentir, logo, não os condeno por atravessarem meu caminho como se hoje fosse um mero dia no meio de tantos outros. Até faz sentido, pois eles não tiveram e nunca terão o prazer de sentir o mesmo que sinto por dividir minha vida contigo, por te amar como amo e por me sentir amado como sinto que sou.

Por isso será sempre uma incógnita o que cada um está guardando dentro de si, confinando em seu íntimo, já que não se permitem demonstrar e serem descobertos pelos sentimentos que possuem. Neste rótulo, no entanto, prefiro não me enquadrar. Quando cruzarem comigo na rua, no trabalho ou no supermercado, prefiro que me descubram amando você. Talvez jamais pudessem desvendar o motivo pelo qual meus olhos brilham mais que o de qualquer um, mas sempre que puder, darei publicidade ao que guardo dentro de mim para ti.

Eu te amo e o mundo sempre saberá, mesmo quando eu não puder gritar da forma como gostaria em respeito aos filtros sociais impostos pela comunidade ao nosso redor; mesmo o universo conspirando em direção oposta, impedindo com arestas de convivência a plenitude do exercício humano de sentir e demonstrar em público, impondo freios à espontaneidade, ainda sim meu amor por você transborda, e faz deste dia, nosso dia, um dia diferente para mim, mesmo que não o seja para mais ninguém.

Então, feliz Dia dos Namorados para nós, mesmo que só para nós. Para os outros, talvez, a rotina seja a mesma, e o dia continue igual a todos os outros. Para nós, que sentimos este amor, todos os dias são dias dos namorados. Para eles, talvez, não seja **DIA DOS NAMORADOS. E DAÍ?**

Dedicado à
Bianca Caroline Bom Soares,
minha eterna namorada.